

VIAJANTES PORTUGUESES DE HOJE NA ÁFRICA LUSÓFONA: ENTRE MEMÓRIA E PRESENTE, QUE DIÁLOGOS?

MARIA DE FÁTIMA OUTEIRINHO*

Em 2015, nos *Encontros da Lusofonia* que tiveram lugar em Paris, Dulce Maria Cardoso contestava a opinião de alguns, segundo a qual a lusofonia deveria ser entendida, no presente, sem o peso dos factos históricos, e afirmava:

Creio não ser possível pensar na lusofonia sem ter em conta os cinco séculos de Império e Portugal como colonizador. A lusofonia é fruto do Império. Desfizemo-nos do Império como se fosse uma camisa velha, no dizer do professor Eduardo Lourenço. Penso que o mais correcto será dizer que quisemos desfazer-nos do Império como se fosse uma camisa velha mas que nunca o conseguiremos fazer porque o Império nos moldou enquanto povo, no passado, tal como a falta dele nos vai moldando o presente. Talvez por isso seja difícil fazerem-se ouvir vozes lúcidas sobre o Império. Renegamo-lo ou exaltamo-lo consoante as nossas perspectivas de vida e credo político, mas raramente conseguimos abordar com profundidade o que foi efectivamente o Império e o que dele restou¹.

Mais do que ajuizar sobre a possibilidade de se abordar com profundidade «o que foi o Império e o que dele restou», importa-nos sublinhar, no depoimento de Dulce Maria Cardoso, a chamada de atenção para a impossibilidade de pensar a lusofonia

* Universidade do Porto/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa.

¹ CARDOSO, 2015: 22.

ignorando constructos culturais e a necessidade de estabelecimento de pontes entre passado e presente. Neste contexto, afigura-se-nos como produtivo atentar em formas de textualização erguidas em torno de um tempo de Império ou do seu desmoronamento, com vista a uma possível deteção de movimentos entre memória e presentificação da memória a gerar novas configurações discursivas.

Se mais recentemente se tem assistido ao surgimento de toda uma produção de variegada inscrição genológica a trabalhar tempos de colonização e tempos pós-coloniais, dando na verdade testemunho de uma necessidade de escrever e/ou reescrever o passado, no que à literatura de viagens portuguesa contemporânea diz respeito, há mais de quinze anos que revisitações de uma ação imperial a partir de experiências vividas nas pós-Independências têm vindo a ser objeto de atenção por parte de escritores viajantes.

Como Mía Couto sublinha em texto de 2001, *Luso-Afonias — a Lusofonia entre viagens e crimes*, «A viagem obriga-nos a sermos outros, a descentrarmo-nos, a deslocarmo-nos para fora de nós. A viagem implica a disponibilidade para nos diluirmos, a vontade de sermos apropriados por outras almas»². Ora, o texto de viagem que decorre de uma viagem acontecida, acolhe as narrativas de encontro e contacto com o Outro, e torna-se ponte entre mundos, onde, com frequência, o questionamento em torno do Eu e do Outro tem lugar.

A redescoberta europeia de uma vocação imperial que o século XIX conhece, a consequente expansão colonial, a voga orientalista ou a multiplicação de viagens de descoberta científica criam condições favoráveis à prática da viagem em África e, por consequência, ao desenvolvimento de um imaginário eurocêntrico³ e transnacional, com prolongamentos até hoje. No século XX, antes e depois das descolonizações, embora com enquadramentos geopolíticos distintos, os périplos em espaço africano protagonizados por viajantes escritores oriundos de um espaço ocidental continuam a multiplicar-se e a fazer-se eco dessa herança cultural partilhada, mesmo quando ela é objeto de problematização.

É neste quadro genericamente esboçado que nos propomos explorar um conjunto de textos de viagens portuguesas de percurso africano lusófono: *Baía dos Tigres* (1999) de Pedro Rosa Mendes, *Sul* de Miguel Sousa Tavares⁴ e *Até lá baixo*. Três homens e um jipe e 150 dias de aventuras em África de Tiago Carrasco⁵. Obras escritas e publicadas numa era pós-colonial e num contexto de renovado interesse contemporâneo, todas se ancoram, dentro de um quadro pragmático no que toca à receção, na pressuposição de uma relação referencial a reger fortemente o pacto de leitura, assente ainda numa memória histórica em comum que convocam. Com efeito, a literatura de viagens joga

² COUTO, 2009: 184.

³ Cf. OUTEIRINHO, 2013.

⁴ TAVARES, 2004.

⁵ CARRASCO, 2011.

num relato que alia um pressuposto tácito de relação com uma viagem ocorrida e consequente vivência referencial, não enjeitando, é certo, a possibilidade de efabulação. Como lembram Patrick Holland e Graham Huggan, os escritores viajantes «avail themselves of the several licenses that are granted to a form that freely mixes fact and fable, anecdote and analysis»⁶.

As obras escolhidas trabalham a memória, uma memória de viagem e uma memória sobre África, de pertença portuguesa e europeia, aproximando narrador e leitor, mas simultaneamente dando protagonismo a uma África contemporânea, das pós-independências. Tratar-se-á então para nós de considerar modos de inscrição da memória no relato de experiências do presente, procurando identificar potenciais diálogos entre um espaço cultural português e outros espaços da lusofonia.

Pedro Rosa Mendes, em *Baía dos Tigres*, não se deterá num imaginário africano visualmente vulgarizado, nomeadamente pelo cinema, um imaginário eivado por estereótipos turísticos. De facto, a cartografia africana de que dá conta revela uma paisagem traumática⁷, de um mundo alterado e caótico, numa obra em que a ideia de ausência e de perda é mais forte do que noutros autores viajantes. O espaço minado agora atravessado, o contacto com as vítimas do uso desse espaço, leva a um processo de memorialização do passado. Seguindo nos passos de pombeiros portugueses do início do século XIX, Pedro Rosa Mendes faz a experiência e dá testemunho de um quotidiano de guerra, de conflitos, de populações divididas, de pessoas anónimas, pessoas que habitam e estão encurraladas em terras de fim de mundo⁸. Registo escrito de narrativas orais recolhidas por um viajante que se quer sinal discreto no relato, essas histórias pessoais de vida dão visibilidade a quem as viveu; vozes sem voz ganham agora o direito à palavra. De modo bem marcado, contrariamente ao que sucede nos textos de Miguel Sousa Tavares ou Tiago Carrasco, o narrador de *Baía dos Tigres* esconde-se para dar lugar a indivíduos presos no anonimato, forma afinal não de demissão reflexiva sobre o outro e a realidade do outro, mas possibilidade de um discurso de denúncia mais ou menos subliminar, permitindo a representação de uma realidade africana disfórica. Não se trata então de uma narrativa que rediz uma voz portuguesa, europeia, mas trata-se outrossim de fazer passar uma voz africana e um corpo branco estrangeiro, estranho em África, nomeadamente pela colonização⁹. A memória colonial portuguesa e a memória traumática do retorno da experiência do retorno são agora veiculadas por vozes africanas. Assim, após a independência,

⁶ HOLLAND & HUGGAN, 2000: 9.

⁷ Na expressão usada por Brett Kaplan (2011) e que muito embora relativa a uma memória do Holocausto nos parece aqui também aplicável.

⁸ Cf. MENDES, 2013 [2010]: 30-31, 49, 173.

⁹ Cf. MENDES, 2013 [2010]: 103-104.

[...] *partiram para a terra deles [...]. [Os] angolanos fizeram filhos soberanos em camas metropolitanas, essas com largura de um cristo feitas em madeiras de Cabinda. Mas as casas foi só uma ocupação. Conquista maior foi habitar as memórias dos antigos donos.*

Venderam carros à pressa e sucumbiram quando viram o anel da baía abraçar-se, neles, às saudades que (eles) iam ter! Acotovelaram-se no porto e dormiram na pista. Vieram os aviões de Lisboa e eles retornaram como os sobas da Lunda: partindo da vida com utensílios para colonizar a morte. Luanda dançou-lhes o comba, a festa do óbito, pisando-lhes — enfim! — a ausência do corpo sobre esta terra vermelha¹⁰.

Estribada num registo polifónico, *Baía dos Tigres* evoca deste modo memórias da colonização através dos vestígios em ruínas na paisagem e memórias dos conflitos vividos nas independências, com narrativas da responsabilidade não tanto de antigos colonos, mas com ex-colonizados a assumir a voz narrativa.

Sul reúne um conjunto de relatos em torno de viagens realizadas entre 1990 e 2004 a espaços situados em continentes diversos, alguns deles na África lusófona que, em Miguel Sousa Tavares, é a das ilhas de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe¹¹. O percurso nessa África lusófona é momento de rememoração do passado numa dinâmica relacional dos diversos espaços entre si, inevitabilidade comparativa no presente entre esses mesmos espaços, numa constatação de «sinais devastadores do tempo»¹², e numa deteção de marcas portuguesas¹³:

Uma longa balaustrada de pedra desenhada delimita toda a frente do terreiro. Vi estes mesmos desenhos, estas mesmas balaustradas, em Goa, no Pará, na Amazónia, em Moçambique, em toda a África onde parámos um dia para fazer comércio, guerra, conversões a Cristo e tráfico de escravos¹⁴.

Em Miguel Sousa Tavares, a atenção posta no outro lusófono revela-se, com frequência, etapa detonadora de reflexão sobre o eu e, em Cabo Verde, por exemplo, a autorrepresentação que emerge denuncia uma autoanálise hierarquizante em que

¹⁰ MENDES, 2013 [2010]: 27-28.

¹¹ Há também uma breve referência a uma estadia em Moçambique com o propósito de caçar patos e rolas.

¹² TAVARES, 2004: 15.

¹³ Cf. CADILHE, 2007: 96, no breve capítulo que se atarda sobre o espaço angolano, onde não se escapa à deteção de marcas de um tempo colonial. Na passagem por Lubango, observa-se: «De repente chego a casa sem sair de África. [...] Desta vez regresso efectivamente aos anos da escola primária quando vejo a fachada das escolas primárias da antiga cidade de Sá da Bandeira. E as outras fachadas: o hospital, o grande hotel, o prédio da cooperativa, o Palácio da Justiça, a sede do grémio, a estação de comboios, a garagem dos autocarros. São as fachadas que vigoravam nas cidades portuguesas da minha infância».

¹⁴ TAVARES, 2004: 14.

o português, o europeu, se apresenta em indiscutível situação de negatividade. Diz Miguel Sousa Tavares:

*O Mindelo é um bocado de Portugal, assim uma espécie de Miramar, mais degradado e mais quente. Ou Portugal é um bocado do Mindelo, tanto faz. Porque aqui há cabo-verdianos que gostam mais de Portugal do que os próprios portugueses, há gente que vive com um pé no Mindelo e outro em sítios tão inesperados como Celorico da Beira*¹⁵.

*Ah, se nós soubéssemos... como esta gente é brava e franca, como é amiga e leal, como são tão melhores que nós — que temos Schengen e a União Europeia, o Serviço de Estrangeiros e a polícia mais racista do mundo e enchamos a boca com palavras carregadas de coisa alguma: PALOP, comunidade lusófona, vertente africana da nossa política externa, relação especial dos portugueses com África*¹⁶!

Como tivemos ocasião de observar em estudo anterior¹⁷, deslumbramento e indignação, esplendor e decadência¹⁸ acompanham-se ou sucedem-se na escrita em torno de uma espacialidade africana de raiz lusófona, denunciando a degradação das estradas, o declínio das roças, as plantações envelhecidas ou abandonadas¹⁹, a irresponsabilidade, a ineficácia, a corrupção²⁰, mas igualmente revelando o fascínio por uma paisagem «surpreendente, exaltante e misteriosa»²¹. Igualmente uma certa defesa de uma ação portuguesa ou pelo menos a necessidade de alguma preservação²² e a vontade de combater o par antitético branco/negro são ainda outros momentos de uma escrita que em Miguel Sousa Tavares reconfigura uma abordagem da história colonial:

é impossível não render uma homenagem silenciosa e maravilhada aos homens, brancos e negros, que, de 1471 a 1974, desbravaram as ilhas, sondaram a selva, roçaram o mato, construíram longas casas de pedra e telha vã e rasgaram estradas,

¹⁵ TAVARES, 2004: 70-71.

¹⁶ TAVARES, 2004: 72.

¹⁷ OUTEIRINHO, 2013.

¹⁸ A obra de Joaquim Magalhães de Castro, No mundo das maravilhas (CASTRO, 2010) nesse percurso de redescoberta de um património português legado por um movimento expansionista e colonial, é então veículo de denúncia da dilapidação de todo um património, deteção de uma presença portuguesa na toponímia, na arquitetura colonial, no património religioso.

¹⁹ Cf. TAVARES, 2004: 120-121.

²⁰ Cf. TAVARES, 2004: 125.

²¹ TAVARES, 2004: 120.

²² Cf. TAVARES, 2004: 117. «Nos anos a seguir à independência, os chineses e os coreanos do Norte fizeram o que puderam para desfigurar a arquitectura colonial portuguesa, construindo palácios de correios e de congressos (!) que parecem a casa-forte do Patinhas, em versão realista-socialista. Mas em vão, que diabo: estivemos lá 500 anos!»

*praças e pontões, quando tudo parecia ser-lhes adverso — a remota longitude das ilhas, a inospitalidade do clima, a cerração da mata ou o flagelo das febres tropicais*²³.

Neste enquadramento, o narrador pode então avançar e defender que os portugueses pertencem também a África,

*Não como donos e senhores por direito divino ou histórico. Mas como cidadãos de África, por direito natural, por identidade de alma, se quiserem. Não fui eu que o descobri: muitos africanos o dizem, agora que a retórica anticolonial está a perder também a sua razão de ser*²⁴.

Até lá abaixo. Três homens e um jipe e 150 dias de aventuras em África de Tiago Carrasco é o relato de uma aventura africana²⁵, de cerca de 5 meses, aventura experienciada por Tiago Carrasco, João Fontes e João Henriques²⁶ com partida de Lisboa e chegada a Joanesburgo. Motivada por uma necessidade profunda de mudança de vida, de evasão²⁷, face a uma falta de horizontes de futuro no campo profissional, ela dá testemunho de uma grande coragem pela falta de condições em que é empreendida²⁸. A narrativa do périplo destes três portugueses acaba afinal por ser reveladora de uma irónica autorrepresentação de Portugal, nos antípodas de um imaginário expansionista português mitificado.

Em *Até lá abaixo*, a África lusófona visitada é a de Guiné-Bissau, Angola e Moçambique e, tal como ocorre nos textos de viagem anteriormente abordados, a atenção a vestígios de uma presença e ação colonizadoras emerge, e o contacto com o africano do tempo presente torna-se ocasião para dar a ouvir a sua voz. É o que sucede quando passam em Bolama: «Outrora um paraíso colonial, orgulho do império ultramarino, a cidade está hoje entregue ao abandono, com as fachadas dos edifícios a desmembrarem-se e as estradas intransitáveis». E mais adiante, observa-se: «Estávamos agora diante de um prédio com portas altas e varandins, tirado a papel químico de uma associação recreativa de Alfama ou da Mouraria»²⁹. A atenção a uma presença humana portuguesa vestígio também ela de uma era colonial irrompe por vezes em *Até lá abaixo*, testemunhando da atenção votada não apenas a uma paisagem física,

²³ TAVARES, 2004: 119.

²⁴ TAVARES, 2004: 119.

²⁵ Cf. CARRASCO, 2011: 95: «Bissau é a mais subdesenvolvida das duas dezenas de capitais por onde passámos nesta aventura».

²⁶ O relato é da responsabilidade de Tiago Carrasco, mas a viagem teve igualmente um registo visual (fotográfico e filmico) feito por João Fontes e João Henriques.

²⁷ Cf. CARRASCO, 2011: 13.

²⁸ Cf. CARRASCO, 2011: 27: «Éramos trapezistas sem rede na mais difícil acrobacia para um viajante — cruzar África de uma ponta à outra».

²⁹ CARRASCO, 2011: 101.

mas a um quotidiano de vidas humanas, dando visibilidade e voz a figuras anónimas, testemunhas e agentes de um tempo passado e presente. Integrando narrativas de vida das gentes encontradas, complementa-se e matiza-se uma História oficial ainda hoje com espaços de sombra e silenciamento³⁰.

ALGUMAS NOTAS CONCLUSIVAS

A observação de Mia Couto quando lembra que «os lugares não são coisas. São entidades vivas, possuem um coração que está nas mãos daqueles que falam com as vozes do chão.»³¹, espelha-se nestes textos de viagem pela África lusófona, quer por um mergulho na memória histórica agora revisitada e interrogada, quer por uma experiência de um presente pós-colonial. Com efeito, estas narrativas de viagem abrem-se a uma evocação de memórias coloniais, evocação que decorre da inscrição cultural dos viajantes, e se desenvolve num reencontro com representações imperiais, por vezes problematizadas, a partir dos vestígios reconhecidos na paisagem. Como lembra Pedro Rosa Mendes, «No limite [...], o viajante é apenas o seu relato, identifica-se com ele porque dele extrai a sua própria identidade; não existe fora do mapa; viajante e mapa são uma e a mesma entidade»³². E desta forma a experiência de viagem na África lusófona é, nestes viajantes, possibilidade de autoquestionamento, pois como observa Miguel Sousa Tavares, «interrogamo-nos, então, que sentido fará este desejo de nos perpetuarmos de alguma forma nos cantos do mundo aonde a História nos levou e de onde a História nos varreu»³³.

Da capacidade de (auto) questionamento, surge também a possibilidade de escutar e dar a ouvir as vozes dos descolonizados anónimos, encontrados num tempo de um presente vivenciado e que agora conquistam um protagonismo não negligenciável nestes textos publicados nos últimos doze anos, permitindo desenhar uma nova cartografia de geografias humanas e físicas do período das independências a oferecer novos pontos de vista provindos de espaços culturais de/com língua portuguesa.

O trabalho com uma memória cultural em torno de África e a construção de representações em torno de outros africanos e lusófonos, não só possibilita um questionamento identitário português europeu como ainda permite pensar reconfigurações do outro africano lusófono, pois, como observa Daniel-Henri Pageaux, «On ne convoque pas impunément l'Autre en littérature.»³⁴ e, num diálogo entre memória histórica e presente, a literatura de viagens ergue-se, inegavelmente, como plataforma

³⁰ Tome-se como exemplo a história de Célia e do marido chegados em 1972 à Guiné-Bissau, em busca de uma vida melhor, dando conta afinal de uma emigração que não escolheu a Europa como destino.

³¹ COUTO, 2009: 52.

³² MENDES, 2013: 202.

³³ TAVARES, 2004: 60.

³⁴ PAGEAUX, 1995: 139.

de mediação e ponte entre diferentes espaços de lusofonia, a partir da qual novos discursos poderão emergir.

BIBLIOGRAFIA

- KADILHE, Gonçalo (2007) — *África acima*. Lisboa: Oficina do Livro.
- CARDOSO, Dulce Maria (2015) — *Pecados da lusofonia*. «Público», (21 out.), p. 22-23.
- CARRASCO, Tiago (2011) — *Até lá abaixo. Três homens e um jipe e 150 dias de aventuras em África*. 2.^a ed. Alfragide: Oficina do Livro.
- CASTRO, Joaquim Magalhães de (2010) — *No Mundo das Maravilhas. Viagem ao património de origem portuguesa do Uruguai a Omã*. Lisboa: Editorial Presença.
- COUTO, Mia (2009) — *Luso-Afonias — a Lusofonia entre viagens e crimes*. In *E se Obama fosse africano? Interervenções*. Lisboa: Editorial Caminho, p. 183-198.
- HOLLAND, Patrick; HUGGAN, Graham (2000) — *Tourists with typewriters. Critical reflections on contemporary travel writing*. Ann Arbor: The University of Michigan Press.
- KAPLAN, Brett Ashley (2011) — *Landscapes of Holocaust Postmemory*. London / New York: Routledge.
- MENDES, Pedro Rosa (2013 [2010]) — *Baía dos Tigres*. 7.^a ed. Alfragide: D. Quixote.
- OUTEIRINHO, Maria de Fátima (2013) — *Images de l'Afrique dans quelques textes de voyage contemporains*. In COUTINHO, Ana Paula; OUTEIRINHO, Maria de Fátima; ALMEIDA, José — *Nos & leurs Afriques. Images identitaires et regards croisés Constructions littéraires fictionnelles des identités africaines cinquante ans après les décolonisations*. Bruxelles: Peter Lang, p. 165-181.
- ____ (2014) — *A imagem literária do «Outro» lusófono: representações do outro africano e lusófono em textos de viagens portuguesas*. In VIEIRA, Cristina Costa; OSÓRIO, Paulo; MANSO, Henrique, coord. — *Portugal-África-Brasil. Relações históricas, literárias e cinematográficas*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, p. 253-270.
- PAGEAUX, Daniel-Henri (1995) — *Recherches sur l'imagologie: de l'Histoire culturelle à la Poétique*. «Revista de Filología Francesa», 8. Madrid: Servicio de Publicaciones Univ. Complutense, p. 135-159.
- TAVARES, Miguel Sousa (2004) — *Sul. Viagens*. Lisboa: Oficina do Livro.